

O DOMÍNIO DA CULTURA E DA IDEOLOGIA: SUBSÍDIOS PARA OS ESTUDOS DO DISCURSO

Maria Bernadete F. de Oliveira

Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP).
Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN.

RESUMO: Esse artigo discute subsídios para os estudos da linguagem, compreendida como prática discursiva, tendo como eixo central a relevância de situar a relação entre Linguagem e Ideologia no domínio da Cultura, como indispensável à compreensão e interpretação dos processos significativos. Apoiamo-nos em escritos de autores do Círculo de Bakhtin, explorando noções de Cultura, Ideologia, Enunciado, Autor e Posicionamento Axiológico.

PALAVRAS-CHAVE: cultura, linguagem, ideologia.

ABSTRACT: This paper aims at discussing concepts referring to the research on language, understood as discursive practice. Our focus deals to the relation between Language and Ideology, inserted in the cultural word, as necessary to comprehension and interpretation of significant processes. We considered as reference discussions developed within Bakhtin Circle works and concepts such as Culture, Ideology, Utterance, Author and Axiological Position.

KEYWORDS: culture, language, ideology.

INTRODUÇÃO

A relevância dos estudos da Cultura para a compreensão da vida social tem sido defendida por estudiosos em geral, entre eles, Stuart Hall (1997), ao afirmar que, principalmente a partir da segunda metade do século XX, consolida-se seu papel constitutivo na vida social, em aspectos substantivos, referentes ao lugar da cultura na estrutura empírica real e na organização das atividades, instituições, e relações culturais na sociedade e naqueles de natureza epistemológica, remetendo para a relevância da cultura em relação às questões do conhecimento e sua conceptualização, de processos identitários e de subjetivação. Esse entendimento da relevância do domínio da cultura assume como pressuposto a noção básica de que toda ação social é cultural e que todas práticas sociais expressam ou comunicam um significado, configurando-se como práticas significativas.

Nesse contexto, essa noção de cultura relaciona-se intimamente com os diversos sistemas semióticos, considerados como práticas de significação por excelência, portadores que são de sentidos e valores múltiplos e diferenciados. Dessa forma, é que podemos afirmar que o estudo do domínio do cultural, ao ancorar-se no mundo semiótico, privilegia a linguagem verbal e dela necessita para compreender a construção discursiva da vida social.

A partir dessas premissas, a discussão que apresentamos se insere no conjunto das reflexões de uma Linguística Aplicada que, ao tomar como ponto de partida para seus estudos a linguagem situada e seus modos de dizer, objetiva contribuir com estudos que visam compreender o lugar assumido pelas práticas discursivas institucionalizadas na construção das representações sobre a vida social. Ancoramos nossa reflexão em orientações provenientes de ensinamentos construídos pelo Círculo de Bakhtin¹ e o percurso a ser seguido será o de resenhar, primeiramente, em textos de autores do Círculo, a noção de Cultura e, a seguir, suas relações com a noção de Ideologia e suas implicações para o reconhecimento dos posicionamentos axiológicos materializados nas vozes sociais que se fazem presentes nos enunciados concretos.

UMA NOÇÃO DE CULTURA

Passeando pelos textos de Bakhtin, percebemos que a referência ao domínio da cultura encontra-se presente desde “Para uma filosofia do ato responsável” (BAKHTIN, 2010), quando esse autor traça uma distinção entre o que seja, de um lado, o mundo da vida, o mundo no qual habitam sujeitos responsivos e responsáveis, com suas singularidades, que praticam atos e que não tem alibi para o ser e, de outro, o mundo da cultura, considerado como o mundo onde conhecimentos e artes produzidos, qualificam-se como sendo responsáveis pela objetificação e representação do mundo da vida e das ações éticas nele praticadas, seja pelo ato de conhecer, seja pelo ato da criação artística (BAKHTIN, 2010).

¹ Apesar de ter conhecimento da polêmica instalada sobre o uso da denominação Círculo de Bakhtin, nosso posicionamento é que essa denominação não significa predomínio nem superioridade de um de seus componentes sobre os outros, muito pelo contrário, essa denominação aponta para as relações dialógicas de concordância que podem ser lidas nos textos produzidos por três de seus componentes autores mais conhecidos, quais sejam Bakhtin, Voloshinov e Medvedev, cujas obras se tornaram referências indispensáveis para pensar a linguagem como uma prática discursiva

O papel do mundo da cultura, diz aquele autor, é representar o mundo da vida, seja através da produção de conhecimentos seja no processo da criação artística, respeitando a arquitetônica daquele mundo, pensado, fundamentalmente, como um centro concreto de emanção de valores, construído a partir das relações entre o eu e o outro, nas dimensões: eu-para-mim, eu- para o outro; o outro-para-mim. É importante ressaltar que essa configuração da arquitetônica do mundo da vida, o ponto de partida para a formulação dos sistemas elaborados do mundo da cultura, destaca o eixo axiológico e a relação com a alteridade, como elementos constitutivos daquele mundo concreto, configurando-se como elementos indispensáveis a serem considerados pelo mundo da cultura em seu processo de representação da realidade concreta.

Nesse mesmo texto, a linguagem é apresentada como o elemento que possibilita o acesso às ações praticadas no mundo da vida, portanto ao ato ético, que requerem como sua expressão semiótica a inteira plenitude da palavra, tanto em seu aspecto de conteúdo, como de imagem (acústica e gráfica), como no que diz respeito ao seu aspecto valorativo (BAKHTIN, 2010). Em outras palavras, nesse primeiro texto Bakhtin coloca suas premissas, desenvolvidas posteriormente por ele e por outros autores que compartilham do chamado Círculo de Bakhtin, sobre as relações entre linguagem, realidade e alteridade, configurando o enunciado concreto, unidade de análise da comunicação verbal, como sendo a materialidade semiótica do ato ético.

Em uma outra dimensão, ao tratar dos limites do domínio da cultura, Bakhtin (1990) afirma que este não possui fronteiras fixas², não tem interior e que, fora dessas fronteiras, ele morre, perde terreno, torna-se vazio. Essa colocação sobre o espaço não fixo no qual se constrói o domínio da cultura precisa ser considerado em relação ao “grande tempo”³, uma temporalidade que não é sequencial nem cronológica no sentido linear da palavra (BAKHTIN, 2003). Isso significa compreender que no domínio cultural, há sempre a possibilidade de recriação e ressignificação de temas e objetos, ainda mais porque, segundo aquele autor, ao se interpretar os acontecimentos ou objetos apenas como inscritos em um dado momento, essas interpretações podem assumir uma natureza simplista, na medida em que “tudo que pertence apenas ao presente morre juntamente com ele (BAKHTIN, 2003, p.363). Embora sua discussão sobre a noção de grande tempo remeta para a

² A ideia da não fixidez das fronteiras no domínio da cultura é bastante explorada pelos estudos culturais. Para maiores detalhes veja-se Canclini (2006) e sua discussão sobre hibridismo cultural.

³ Kramer (2000) aproxima a noção de grande tempo à noção de história de Benjamin, considerada como um entrecruzamento entre o novo e o velho, fundamental para compreender as dificuldades do presente.

esfera literária, entendemos que essa relação temporal pode ser estendida para outras esferas, por exemplo, na esfera científica, quando essa noção se coloca de forma bastante explícita, ao considerarmos que a produção do conhecimento científico tem como uma de suas características centrais o diálogo com o discurso alheio, sem delimitações de fronteiras temporais, espaciais ou axiológicas. Para Bakhtin, então, a cultura deve ser compreendida no que diz respeito à profundidade dos sentidos e valores veiculados e não apenas na ampliação de conhecimentos factuais (BAKHTIN, 2013).

Por outro lado, o âmbito do domínio cultural exige de seu analista, um olhar exotópico, ou seja, um distanciamento do objeto, de forma a possibilitar sua compreensão e interpretação. Ainda mais porque um “sentido só revela suas profundidades encontrando-se e contactando com outro, com o sentido do outro” (Bakhtin, 2003, p.366). No seu dizer fica patente que é apenas quando colocamos nossas questões às culturas alheias que conseguimos perceber o que há de novo e de diferente nessa cultura, isso porque, no encontro dialógico de duas culturas estas “se enriquecem mutuamente” (BAKHTIN 2003, p. 366).

Resumidamente podemos sintetizar algumas das noções básicas contidas no pensamento do Círculo sobre a noção do mundo da cultura, entre as quais destacamos : a)- a noção de que o mundo da cultura, é construído, não preexistindo à realidade; b)- o ser humano, agente no mundo cultural, é responsável por seus atos cognitivos, éticos e estéticos, ao mesmo tempo que é responsivo em sua relação com a alteridade; c)- a ideia de que o domínio da cultura, entendida como produção simbólica dos seres humanos, é uma unidade aberta, reiterando seu pensamento de que ela não é determinada pela infraestrutura, como propõe uma certa visão reducionista do marxismo⁴; d) - os estudos das práticas discursivas não podem ficar alheios ao “grande tempo”, espaço-tempo no qual as ações dos sujeitos se desenrolam; e- e, finalmente, que o acesso ao mundo da cultura se realiza através dos sistemas semióticos (BAKHTIN, 2003; VOLOSHINOV, 2017).

⁴ No capítulo 2 do texto *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Voloshinov apresenta uma discussão sobre a relação não mecânica entre a infra e a superestrutura de uma dada sociedade. Ou seja, segundo ele, as mudanças na infraestrutura não se fazem corresponder mecanicamente mudanças na superestrutura, locus privilegiado de construção e difusão de valores. Exemplo concreto dessa relação não mecânica pode ser lida no texto de Bakhtin sobre Rabelais, na medida em que ele discute a cultura popular em sua natureza transgressora, contudo, sem se constituir em um substituto à cultura canônica, pelo contrário, esse texto é exemplar da ambivalência da vida cultural e social, que escapa dessa forma dos binarismos redutores.

LINGUAGEM E IDEOLOGIA

Nesse item apresentamos alguns aspectos da concepção de Linguagem concebida pelos autores do Círculo, buscando destacar a relevância da noção de ideologia, por entendê-la como fundamental para compreender e interpretar as práticas discursivas produzidas e circulantes nas diversas esferas da atividade humana.

O tema da ideologia surge naquele grupo de estudiosos vinculado à necessidade de compreender como o universo do simbólico e seus processos de significação estão inseridos no domínio da Cultura. Ao compreender que os seres humanos ao realizar trabalho, (no sentido marxista do termo, trabalho como realização de atividade), produzem bens materiais, portadores de valores, no universo cultural esse processo também ocorre, produzindo os bens simbólicos, construindo o universo dos signos, portador de valores (VOLOSHINOV, 2017; MEDVIEDEV, 2012).

A noção de ideologia, em textos dos autores do Círculo, emerge no bojo de uma reflexão sobre a relação constitutiva, entre linguagem, ação, realidade (mundo da vida) e sujeito, explorada mais especificamente por Voloshinov (2017) e Medvedev (2012).

Em Voloshinov (2017), a discussão sobre essa noção emerge a partir de um pressuposto de que, ao lado do mundo dos bens materiais, existe um mundo dos bens simbólicos, o universo dos signos, portador de uma materialidade semiótica que reflete e refrata uma dada realidade, dela fazendo parte e sendo dela constitutiva. Assim sendo, esse autor apresenta o signo verbal como sendo o fenômeno ideológico por excelência, conferindo dessa maneira uma natureza semiótica à ideologia. Em outras palavras, considerar que o signo reflete e refrata a realidade concreta que lhe é exterior, é o que vai permitir compreender o fato de que é possível inscrever nos enunciados a diversidade de pontos de vistas, das experiências históricas dos indivíduos em sua singularidade e dos grupos sociais institucionalizado. O fenômeno da refração da realidade, a partir de uma dada posição avaliativa, um ponto de vista, de uma dada voz social, por sua vez, confere ao signo um valor social.

A nosso ver, uma das grandes contribuições do Círculo ao estudo da ideologia diz respeito a sua compreensão de que essa noção assume sua natureza constitutivamente discursiva, ou seja, a ideologia possui materialidade, de natureza semiótica, discordando de outras visões que entendem a ideologia ou como um espírito sem corpo, ou como um elemento

determinado mecanicamente a partir da infra-estrutura de uma dada sociedade. Diríamos que o processo ideológico de refletir e refratar a realidade se relaciona diretamente à noção de “ubiquidade social” do signo verbal, de forma que *“dizer é dizer valores que dialogam”* (VOLOSHINOV, 2017).

Ao compreender a ideologia como um fenômeno objetivo, com uma materialidade semiótica, e não apenas como um epifenômeno, orienta o entendimento de que a ideologia produz efeitos reais, concretos na vida social, através das práticas discursivas, nela construídas e difundidas, ao mesmo tempo em que consolida a ideia de que a ideologia está intrinsecamente relacionada aos processos de significação e às relações de poder. Ou como resume Voloshinov (2017), a ideologia, como uma construção discursiva está relacionada a realidade material do signo, que por sua vez emerge apenas em situações de interação verbal intrasubjetivas, vinculando a comunicação verbal à base material da linguagem. Marcado pelo horizonte social de sua época e pelo grupo que o produz, sendo sua forma determinada pela natureza da interação social, os signos adquirem valor social, orientando o posicionamento enunciativo sobre seu tema e sua forma composicional.

A leitura que fazemos dos textos de Voloshinov, portanto, permite-nos entender, uma noção de ideologia como uma visão de mundo, um ponto de vista sobre a realidade concreta, configurando sua natureza multiacentuada e plural. Por outro lado, essa mesma leitura, conduz-nos a ler nesse autor, um modo de funcionamento ideológico desse signo como ocultação do real, quando, em dadas situações, monologiza-se o valor do signo. Nesse processo, o signo torna-se uniacentuado, apaga-se seu funcionamento como refração de um dado acontecimento, assumindo um papel deformador, tornando verdade generalizada aquilo que vale para apenas alguns grupos ou indivíduos⁵.

Em Medvedev (2012), a discussão sobre a noção de ideologia, orienta-se para uma reflexão sobre seu funcionamento como sistema complexo, que organiza as múltiplas esferas da atividade humana, sendo o ser humano responsável pela criação ideológica nas esferas da ciência, arte, moral e religião. Assim como Voloshinov, considera que todos os produtos da criação ideológica são objetos materiais, fazem parte de uma realidade

⁵ A noção de verdade única é questionada por vários pensadores (OLIVIERA, 2013). Em Marx, essa noção de verdade única associada à ideologia cria a ilusão do real e uma falsa consciência, que em determinados momentos assume como verdade os pensamentos e ideias de uma classe. No dizer de Gramsci, essa é também a base para a construção da noção de hegemonia..

concreta e que, em sua peculiaridade, envolvem noções de significação, sentido e valor. Para esse autor, é a avaliação social que representa a condensação axiológica de opiniões, crenças, valores, presentes nas ideologias constituídas e materializadas nos enunciados concretos.

Ao discorrer sobre o modo de funcionamento da ideologia, Voloshinov (2017) considera que este funcionamento se organiza em graus, afirmando dois modos principais inter-relacionados, quais sejam a ideologia do cotidiano e a ideologia dos sistemas superiores. A ideologia do cotidiano pode apresentar-se como um senso comum, aquela ideologia cujo funcionamento é caótico, sem qualquer sistematização, inteiramente casual e casuística, ou como um funcionamento organizado, que chamaríamos de bom senso, para fazer uso de uma metalinguagem gramsciana⁶. Essa ideologia, o bom senso, funcionando nas ações realizadas em processos interacionais intersubjetivos do mundo da vida, constituiriam as bases para a construção dos sistemas de criação ideológica complexos no mundo da cultura, tais como a ciência, a política, a arte, a religião, a mídia, entre outros⁷. Em outras palavras, temos um movimento dialético e dialógico, através do qual, a ideologia do cotidiano constitui base para a construção dos sistemas ideológicos complexos e estes alimentam a ideologia da vida, a ideologia do cotidiano. Contudo, como muito bem adverte Medviédev (2012), cada esfera da criação ideológica, ciência, religião, arte, entre outras, possui suas formas e artifícios próprios de uso da linguagem, seus modos específicos de refratar a realidade semioticamente, ou seja, não é possível generalizar essas relações entre as várias esferas.

A noção de ideologia assim configurada, em sua natureza discursiva, seja como visão de mundo, ponto de vista sobre a realidade concreta, seja como sistema complexo que organiza as várias esferas da atividade humana, ou ainda como falsificação do real ao monologizar o signo, interessa aos estudos da linguagem e de suas práticas discursivas, como forma indispensável à interpretação dos processos de construção de sentido e do valor social presentes nos enunciados. Em outras palavras torna-se noção relevante para que se possa reconhecer as relações dialógicas, sejam estas de concordância, de discordância, de apagamento ou de iluminação das vozes sociais que se fazem presente nos enunciados concretos.

⁶ Gramsci (1979), pensador italiano, considera que a ideologia pode se manifestar em níveis diversos, entre eles, o senso comum, o bom senso e as ideologias produzidas nas esferas superiores da atividade humana.

⁷ A denominação de mundo da cultura e mundo da vida segue as definições apresentadas anteriormente nesse artigo, estando em consonância com a metalinguagem presente em Bakhtin (2010)

POSICIONAMENTOS AXIOLÓGICOS EM ENUNCIADOS CONCRETOS

Conforme vimos discutindo nesse texto, a noção de ideologia, associada ao valor social presente nos enunciados através das vozes sociais, constitui elemento indispensável à compreensão e interpretação das práticas discursivas produzidas e circulantes na vida social. Entre as características do enunciado, que possibilitam no processo de análise a identificação do fenômeno ideológico destacamos o fato de que todo enunciado tem um autor⁸ (BAKHTIN, 2003), responsável pelo seu projeto de dizer e pelo acabamento de seu enunciado como um todo.

Em relação à responsabilidade autoral, Bubnova (1997) considera que o ato ético responsável, ao materializar-se em um documento (enunciado) assinado, não deve ser entendido como um termo jurídico, nem como uma obrigação normativa e abstrata, mas, como um ato concreto, que vincula o ser humano ao mundo da vida, em sua singularidade. A responsabilidade autoral, uma realização historicizada, em um dado espaço e em um dado tempo, estabelece, entre o ato e o enunciado, uma ligação cuja natureza é orgânica, histórica e concreta, existindo apenas para esse dado enunciado.

Considerando esse aspecto da responsabilidade autoral, entendemos que o posicionamento axiológico do autor-enunciador se configura como sendo a materialização do ponto de vista ideológico construído pelo autor, em seu relacionamento, de um lado, com o objeto de seu próprio enunciado, de outro, com seus interlocutores mediatos e imediatos (BAKHTIN, 2003).

Essa peculiaridade especial do enunciado, que se traduz no projeto de dizer do autor-enunciador, tem como ponto de partida o ato ético realizado no processo de interação verbal intersubjetivo e orienta a seleção estilística e composicional desse mesmo enunciado para expressar seu posicionamento axiológico, em uma situação concreta de comunicação discursiva. Em outras palavras, como diria Bakhtin (1990), todo enunciado constitui-se de uma forma composicional, cujo funcionamento principal seria o de organizar, na materialidade linguística gráfica ou oral, os valores e sentidos

⁸ Nesse artigo usamos a denominação “autor-enunciador” para diferir do “autor-criador” específico da esfera da criação artística.

prefigurados na forma arquetípica constitutiva da intenção discursiva do autor-enunciador.

Consideramos assim que em qualquer das esferas das atividades humanas, o enunciado não pode dispensar, entre seus elementos constitutivos, a intencionalidade discursiva do autor-enunciador e esta não pode ser pensada fora do eixo valorativo nem de expressar posicionamentos ideológicos (VOLOSHINOV,2017). Ao ser portador de valor, de uma avaliação social, a qual determina a escolha das palavras e sua forma composicional, o enunciado concreto reflete e refrata essas valorações sociais, com uma duração mais longa, mais profunda, - o grande tempo – ou uma vida mais curta,- o pequeno tempo- dizendo respeito às vezes ao tema do dia, da hora, do momento⁹.

Dessa forma, o tema/objeto do enunciado torna-se palco de encontro ou de desencontro das vozes do autor enunciador e daquelas alheias, configurando assim uma relação com a alteridade de natureza constitutiva, ao mesmo tempo em que é em torno dessa relação que podem ser percebidos os valores, os posicionamentos axiológicos que atravessam os enunciados (BAKHTIN, 2003).

Retomando o que discutimos anteriormente, destacamos nesse item, como um dos aspectos fundamentais que orienta as análises de práticas discursivas, a relação do autor-enunciador com seu próprio enunciado e com seus interlocutores, espelhando seu posicionamento axiológico, pleno de valores. Para ilustrar essa nossa discussão, apresentamos a seguir dois esboços de análise de posicionamentos axiológicos de autores-enunciadores.

Um desses exemplos, pode ser visibilizado no título de um artigo de opinião, publicado na Revista VEJA, em 14 de outubro de 2012¹⁰. O artigo discute um texto publicado, pela professora da Universidade de São Paulo, Marilena Chauí, na Rede Brasil de Televisão, quando essa mesma professora se posicionava contra os candidatos ao Governo de São Paulo, à época, Celso Russomano e José Serra, por considerá-los como duas vertentes da direita paulista, igualmente prejudiciais à democracia, à inclusão e à cidadania.

⁹ O funcionamento no pequeno tempo é uma das características das práticas discursivas midiáticas, principalmente aquelas que se inscrevem em gêneros específicos, tais como editoriais e artigos de opinião de articulistas, ou mesmo em blogs.

¹⁰ Os exemplos a seguir constam de fragmentos de textos produzidos na esfera midiática, que segundo Thompson (2009), constitui-se como uma indústria que produz e veicula símbolos e significados, influencia a informação e/ou o conhecimento que se tem a respeito de um fato, além do que, os textos produzidos nessa esfera fazem-se presentes em grande parte dos livros didáticos.

O título dado ao artigo foi “*Vigarice Intelectual, teu nome é Marilena Chauí! Ou: falou a Carminha do Lixão ético do Petismo*”. Vamos orientar nossa análise para a identificação nesse enunciado dos indicadores linguísticos e discursivos que apontam para o posicionamento do autor do texto sobre seu interlocutor imediato. Percebemos na primeira parte do enunciado que a professora, interlocutora imediata do autor, é desqualificada pelo uso lexical do atributo “vigarice intelectual”. Esse o tom avaliativo que lhe será endereçado no discorrer do texto, vislumbrando-se o uso de uma estratégia, apontada por Duscatsky e Skliar (2001), como demonização do outro, explicitando assim uma intolerância profunda com quem lhe é ideologicamente diferente. Além disso, o autor apropria-se de uma personagem de uma famosa novela global, assemelhando-a à professora Marilena Chauí, afirmando “Falou a Carminha a do Lixão ético do Petismo”. Carminha, a personagem da novela global, habitava um lixão, e a professora mencionada também habita um, no caso o do Partido dos Trabalhadores, cuja ética não passaria de um lixo.

Um outro exemplo, remonta à discussão travada há alguns anos atrás, por ocasião de uma avaliação de livros didáticos a serem utilizados pela EJA¹¹ e que se manifestava favorável ao uso de um texto publicado em um dos livros, admitindo a possibilidade de que, na norma vigente no cotidiano, na modalidade oral da língua, alguns marcadores da diferença entre singular e plural possam ser omitidos.

A respeito dessa avaliação, um comentarista da Folha de São Paulo, em matéria de título “Inguinorância”, escreve um artigo, posicionando-se axiologicamente contrário àquela avaliação, afirmando que,

Não, leitor, o título acima não está errado, segundo os padrões educacionais agora adotados pelo mal chamado Ministério da Educação

[...] Não pode, não, está errado, é ignorância, pura ignorância, má formação educacional, preguiça do educador em corrigir erros.

[...] crime linguístico aprovado pelo MEC usam um argumento delinquencial para dar licença para o assassinato da língua: dizem que quem usa "os livro" precisa ficar atento porque "corre o risco de ser vítima de preconceito linguístico"[...] .Trata-se pura e simplesmente, de respeitar normas que custaram anos de evolução para que as pessoas pudessem se comunicar de uma maneira que uma entendam perfeitamente as outras.[...]

¹¹ Educação de Jovens e Adultos

Tal como matar alguém viola uma norma, matar o idioma viola outra [...] (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011)

Esse fragmento do artigo aponta para o processo de construção do posicionamento axiológico do autor-enunciador sobre seus interlocutores, tendo como tema a noção de “língua”, a partir de um ponto de vista que considera a noção de língua como unitária, submetida, como diria Bakhtin (1990) apenas a ação das forças centrípetas, ignorando o papel criador e dinâmico das forças centrífugas¹². Em outras palavras, o ponto de vista do autor-enunciador considera a língua como sistema estruturado e normativo, justificando seu posicionamento de que à escola cabe ensinar a língua correta, geralmente identificada com a norma culta.

Este posicionamento axiológico desqualifica os interlocutores mediato e imediatos, – MEC e professores avaliadores de livros didáticos –, ancorando-se em uma memória sobre o que é língua, que prioriza as noções do senso comum do que é certo e do que é errado, reflexos de uma visão conservadora dos estudos da linguagem, nesse processo, considerando os professores avaliadores como ignorantes e como praticando crimes, na medida em que aceitam os pressupostos de uma dada teoria sociolinguística¹³, para realizarem suas avaliações. Apaga-se assim, pelo posicionamento axiológico do autor-enunciador, outras concepções sobre língua e linguagem e conseqüentemente outras memórias que poderiam ser construídas e entrar em um domínio cultural mais responsivo à realidade concreta do uso da língua e de seu funcionamento como uma prática discursiva de natureza social.

Nesses pequenos fragmentos de texto, percebemos que orientações dos autores do Círculo sobre a relação entre Linguagem e Ideologia podem trazer contribuição para análises de práticas discursivas, no sentido de que o autor-enunciador, no caso dos exemplos apontados, ao assumir sua responsabilidade autoral, mobiliza determinados mecanismos da língua, para explicitar seu ponto de vista sobre seu interlocutor e seu tema, estabelecendo uma polêmica explícita, de desqualificação e intolerância para com o outro que lhe é diferente. Em resumo, podemos dizer que o posicionamento axiológico do autor-enunciador age no processo de dar acabamento ao enunciado, de tal forma que ao operar sobre a língua, este imprime, em seu texto, uma relação com valores, um ponto de vista, uma relação com a Ideologia.

¹² A hegemonia dessa concepção de língua, no dizer de Bourdieu (1998) é regida por relações de força interessadas, que organizam a produção dos bens simbólicos e cognitivos, selecionando conteúdos e pontos de vista, considerados como significativos, silenciando e rejeitando outros.

¹³ Estamos no referindo a Sociolinguística Variacionista que tem em William Labov seu maior nome.

Entendemos ainda que a análise do funcionamento ideológico do texto, algumas operações de ordem metodológica devem ser observadas, entre elas torna-se imprescindível estabelecer o horizonte social no qual o enunciado se constrói e o que desse horizonte é comum entre os interlocutores (no caso autor e leitor), de forma a possibilitar a compreensão da relação que se estabelece entre a situação extra verbal e o enunciado. Isso porque, no dizer de Voloshinov (1997), a situação extra verbal integra-se ao enunciado como uma parte constitutiva essencial de seu processo de significação.

Assim é que, para concluir, entendemos que deixamos claro porque, de nosso ponto de vista, é indispensável aos estudos da linguagem, que pretendem dar conta da relevância desse sistema semiótico para compreender o papel desempenhado pelas práticas discursivas na vida social, considerar a relação entre Linguagem e Ideologia. Defendemos ainda que o posicionamento axiológico do autor-enunciador constitui elemento crucial para dar acabamento ao seu projeto de dizer e, nesse sentido concluimos que a compreensão e interpretação das práticas discursivas implica tanto em um movimento em direção ao sujeito/tema a ser compreendido, como também em exercer um processo ativo de atribuir juízo de valor aos enunciados, ou como ensina Bakhtin , “ a compreensão completa o texto: exerce-se de uma maneira ativa e criadora” (BAKHTIN, 2003, p. 378).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do Ato**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

_____. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Questões de estética e de literatura**. Trad. Aurora Bernardini. Hucitec: São Paulo, 1990.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.1998

BUBNOVA, Tatiana. El principio ético como fundamento del dialogismo em Mijail Bajtin. **Escritos, Revista del Centro de Ciencias del Lenguaje**, n.15-16, 1997.

CANCLINI, N. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**.

Ed. São Paulo: UNESP, 2006.

DUSCHATZKY, Silvia e SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (orgs.). **Habitantes de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOLHA DE SÃO PAULO. <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1505201103.htm>. Acesso em 15 de maio de 2011.

GRAMSCI, A. **A concepção dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

KRAMER, S. Linguagem, cultura e alteridade. **Enrahonar**. n.31, pp.149-159, 2000.

HALL, S. The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. In.: THOMPSON, Kenneth (ed.). **Media and cultural regulation**. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997.

MEDVIÉDEV, Pavel. **O método formal nos estudos literários**. Trad. Ekaterina V. Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, M.B.F. de. A noção de verdade na Linguística Aplicada: Bakhtin como possível interlocutor. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n.52 (2), 2013.

REVISTA VEJA. **Vigarice intelectual teu nome é Marilena Chauí!** Ou Falou a Carminha do lixão ético do petismo. In .<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/vigarice-intelectual-teu-nome-e-marilena-chau-i-ou-falou-a-carminha-do-lixao-etico-do-petismo/>

THOMPSONN, J. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes,1995.

VOLOSHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Ekaterina V. Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Edições 34, 2017.